

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

COMEMORAÇÃO SOLENE DO NASCIMENTO DE MARTINS SARMENTO. POEMETO DEDICADO À MEMÓRIA DE M. SARMENTO, PRONUNCIADO PELO POETA ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA NA SESSÃO SOLENE REALIZADA NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO.

OLIVEIRA, António Correia de

Ano: 1933 | Número: 43

Como citar este documento:

OLIVEIRA, António Correia de, Comemoração Solene do Nascimento de Martins Sarmiento. Poemeto dedicado à memória de M. Sarmiento, pronunciado pelo poeta António Correia de Oliveira na Sessão Solene realizada na Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 43 Jan.-Dez. 1933, p. 67-75.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

POEMETO DEDICADO Á MEMÓRIA DE M. SARMENTO,
PRONUNCIADO PELO POETA ANTÓNIO CORREIA DE
OLIVEIRA NA SESSÃO SOLENE REALIZADA NA SOC. M. S.

COMO EU FUI ARQUEÓLOGO

Senhores!

A paz seja convosco, na alegria
E venturas maiores.

A vós, Fraternos meus! que sois Doutores
Em Ciência e Beleza: e em seus favores,
Honra e convívio, andais...

Eu sei que perdoais
A escura fala, o leve entendimento,
O passo que me traz, cuidadoso e falto,
Aos pés da vossa Cátedra: mais alto
Subir não posso! embora ao vão intento
Eu me afervore e adestre...
— Simples tropeiro sou.

E tu, ó Mestre!
Sôbre todos eleito, e já na glória
Em luz dos Céus e placidez marmórea;

Alma profunda, adivinhante e absorta
Que, de entre as pedras da Cidade-Morta,
À fé que não engana
Te fizeste o Cronista
— O Fernão Lopes scismador e artista,
Da primitiva gente lusitana;

Espírito que vinhas, doce e amigo,
E, nos rochosos píncaros, comigo

Ficavas longamente praticando,
Qual excelso Pontífice ilustrando
O bárbaro Neófito :

Perdoa

As vãs esp'ranças que pôr mim tiveste!
Angélica Vontade, estrénua e boa,
Que, num afã celeste
E em negra aluvião do espaço infindo,
Talvez andes, agora,
Por entre a fria treva, a procurar
Sinais de estrêla: alguma luz que, outrora,
Ali viveu, sorrindo,
E foi purpúrea aurora
Ou já saudoso e pálido luar...

*

Qual se folheia a um livro o breve prólogo,
E (só por êle!) o resto que diria
Se julgou entender, — também, um dia,
Assim eu fui arqueólogo :

Lá cima, ao claro monte,
(Ao fundo, a veiga e o mar! os céus, de frente!)
Ao sol, à ventania,
Entre urzes e fragedo,
Eu scismava, escavava,
Para arrancar à terra, esfíngea e brava,
Lusíada segrêdo.

A cada firme ou trémula pancada
De alvião ou enxada,
Meu coração batia:
E em que alvorôço! ingénua e ardente espr'ança!
— Tal como, outrora, aos tempos de criança,
Por barrocais e espinhos,
Debruçando-me à bôca das cavernas,
Eu surpreendia as músicas eternas
Na penumbra dos ninhos;
Ou qual, depois, — ao acordar poeta, —
Cheio de espanto, eu descobria em mim
Truncadas laudas de íntima "Selecta" :

Talvez memória, inspiração secreta
Dalgum Antepassado-Bernardim...

A vida que é? — Necrópole sem fim.
As lápides ou siglas de poesia,
Se de alma as exumamos, que serão?
— Sei lá que soturnal Epigrafia!
Que Pre-lirismo! ou verbo! ou harmonia
Do Cântico Divino: a Criação!

A Poesia, afinal,
Mais que a Ciência ou Luz-filosofal,
E' antiga, é formosa:
E vem de eternos, siderais instantes...
— Talvez já Deus medisse ritmos, antes
De compor as estrélas, glosa a glosa!

*

Ó turbas que passais
Longe de mim, e em mim não vêdes mais
Que um pobre sonhador: um Adivinho,
Dobrando a longa curva do caminho
E tocado de assombro,
Como se houvera andado, de ombro a ombro,
Com nocturnos Fantasmas da Saudade...

Eu quem era, em verdade?
— Sem mais fortuna e história
Que as búzias lantejoilas
De murcho verso a abrir, como as papoilas,
E em tímido receio,
Nas fartas ondas, na jucunda glória,
Rasa campina de trigal alheio.

E eis que, — de humilde e pobre trovador
Que só para cantar rimou seu verbo, —
Aqui vos surjo, esplêndido e soberbo,
Imposto nas grandezas e clamor
De apoteose antiga!

Não foi Estrofe de oiro, nem Cantiga
Sonora, alegre, inédita e espontânea...

O mundo o saiba! e o diga
O mar por onde fôr:
— Eis aqui o Senhor
De tôda uma CITÂNIA!

E fui eu! e fui eu,
— Ali, onde me deu
A mão e me chamou em voz presaga
Algum oculto Génio, —
Fui eu que a conquistei, de fraga a fraga
E milénio a milénio:
Até poder, um dia,
Em sôfrega escalada,
Erguer-lhe, ao tôpo, a flâmula doirada
Da minha fantasia.

E' certo, amigos meus! que tal Império
Não vai além de súbita colina;
Mas, ao redor, espraia-se o Mistério,
Em fronteira divina...

E' certo, amigos meus! que tal Empório
Apenas é ruína;
Mas, desde os alicerces ao zimbório,
Ali eu reconstruo a fôrça e a graça
Do templo a Deus, e tôrre sôbre a Espanha,
Que foi, — e será sempre, — a Nossa Raça.

Não vos direi (como é lição tamanha)
Lígure, celta, ou nómada, nefasta,
Ávida tribo de feição estranha,
Gente que lá morou alguma vez;
— Pois sei (de amor o sei: e tanto basta!)
Que foi e será sempre a mesma Casta,
Um só, único povo: o português.

O mesmo povo, sim! por Deus criado,
Desde o princípio, logo afeito e dado
Ao pátrio solo, natural Nação:
Qual deu propínquo líquen a rochedos
Diversos, ou perpétuos arvoredos,
Renativo escalracho a todo o chão.

Tudo o mais que passou, ou foi romeiro
De amor; fenícia vela; ou estrangeiro,
No tufão da Conquista,
Assédios da Invasão...

— E à minha vista,
Ao peito da colina, eis a muralha,
Cingindo-a, por três vezes, em redondo:
Na qual eu sinto o empedernido estrondo
Da bárbara, ciclópica batalha.

E sonho, evoco...

No fragal suspenso,
Ao cálido recato
Das giestas de oiro redoirando o engano,
(Silêncio e paz; ao fundo, o trilho...) eu penso
Que se afigura o vulto de Viriato,
À espera do Romano.

Mas, vinde! E que eu vos mostre a pedra de ara
Onde correu, à manhãzinha clara,
Abundante e propício,
O sangue de um cordeiro, em Sacrifício
A truculentos deuses, — pois, então,
Inda o Cordeiro-Deus não imolara
Seu próprio sangue em doce Vinho e Pão.

Um Dólmen... Imagino,
Ao vê-lo assim (eterno vigilante!),
Nem eu sei que Destino:
Que parentesco, pelo tempo adiante,
Entre o Dólmen antigo, aos céus erguido,
E o Túmulo sagrado
Do novo herói: — lusíada Soldado
Também desconhecido.

Olhai, no ilustre bronze inda singelo,
A fíbula tenaz, onde adivinho
Retumbantes carícias de martelo!

Talvez que fôsse, em majestoso fausto,
A insígnia dalgum Chefe môço e belo:

Ao nobre peito lhe ajustando o linho
De cândidas roupagens, — a caminho
De gigantesco prélio ou holocausto.

Depois, o góvão que na praia andou
E o mar puliu, de tanto que o rolou,
O eterno arrolador!

No fino seixo, ali vereis, gravadas
A duro sílex (se o não foi a unhas
Do paciente e indómito escultor!)
Feras da selva em míticas caçadas;
Ou talvez nuvens, — quando,
Na fome e sêde do Manjar-luzente,
As nuvens são uns monstros devorando
O rôxo Sol-poente.

Mas a maior paixão, maior ternura,
E' seguir, ciclo a ciclo, à mão do oleiro,
O ingênuo alvorecer da Formosura.

— O' venerável Arte-Primitiva!
Talvez mais esforçada e pensativa
Que o génio de hoje de outro génio herdeiro.

Agora, é negro barro, argila esquiva,
Fugindo ao molde incerto;
Depois, o esparso ornato:
Confuso, envergonhado, timorato,
Ou já sútil e esperto:
Filigranal lavor,
Sonhando rendas, debuxando a flor.

Sonhando rendas, namorando a flor...

Que meiga, esponsalícia maravilha,
Esse trôço de bilha
Que andou à fonte e aos beijos de beber
E nos sugere (é quási opala e rosa...)
Túrgido encanto, desnudez formosa
Dum colo de mulher!

Um colo de mulher...

Agora, andai a manso e vagarinho,
 Silenciosamente,
 Como o costuma a gente
 Quando se abeira dalgum berço ou ninho,
 Na penumbra dormente;
 Amigos! inda mais:
 Qual sôbre o mármore, entre o lume e incenso
 Das velhas Catedrais.

Aqui vos mostrarei, junto ao rochedo,
 O recanto de amor que descobri
 No fundo, remotíssimo segrêdo,
 Aluvião dos séculos...

Aqui,
 Vos dou a ver, na Pedra-consagrada,
 Relíquias de fogueira
 Entre carvões e cinza adormentada,
 Mas — tão disposta a arder — que se diria
 Que um sôpro, um beijo, um grito... E bastaria
 A novo incêndio sôbre a terra inteira!

De joelhos, irmãos!
 Como os pastores
 Das noites do Natal
 Vinde evocar, a cantos e louvores,
 A chama envolta em Alma e Natureza
 E, em nós, por Deus perpétuamente acesa
 Desde todo o mistério original.

Esta foi a Lareira,
 Primeiro lugar-santo da primeira
 Família MATER-NOSTRA...

— Portugal!

*

Um ante-Portugal, aos céus vizinho,
 Que, de cem Póvoas diademando oiteiros,
 (Augustíssima estância de Briteiros
 Ou rude cidade de Belinho),

Descendo foi a praias e terreiros,
A meter-se ao caminho . . .

E caminho tão longo, — em nevoeiros,
Ou lacunas de vale, ou serra a pique, —
Que nos parece, às vezes, que se perde,
Mal aos olhos assoma.

Mas, logo a gente o vê de encontro a Roma!
Ou trilhar por Ourique!
Ou subir a Val-Verde!
E tornar-se, depois, rasgado e lindo,
— Nau a nau, vela a vela, mastro a mastro, —
No Roteiro de Castro:
Latina-Via dum Império infindo,
Em novas glórias, Renascença humana.

Sim! a «pequena casa lusitana»,
Cheia de sol e cravos, — e na qual
Já Cristo entrara em místico segundo, —
Rompe, adianta, alarga sôbre o mundo
Seu lúcido portal:
Até que se fêz Tôrre e fêz Palácio
Como o não foi igual
Nem a Grécia de Homero fabulosa,
Nem já, na bela Eneida, abrindo à rosa
Do fulvo meio-dia, o próprio Lácio.

— O' meu Solar de esp'ranças e saudades!
Varanda sôbre tôdas as Idades
E claustro da Ventura e da Tristeza . . .

O' Casa Portuguesa,
A mais doce e a mais linda
De quantas, sob a luz divina e infinda,
Os homens habitaram!
¿ Quem a ergueu,
Assim, da Terra ao Céu?
¿ E pelos tempos fora, e desde quando,
Ou chorando, ou cantando?

Neste bendito chão da Lusitânia,
De citânia a citânia,

Pedra não há, de Lar ou de Muralha,
 Lembrando o amor, lembrando uma batalha,
 Lembrando o sofrimento
 Ou júbilos e fé de quem trabalha ;
 Pedra não há (já Sangue e Pensamento . . .)
 Da Pátria, — obra de todos :
 De todos nós abrigo,
 Doçura e fortaleza.

Irmãos! e eu digo,
 Singelamente vos direi, a modos
 De alegoria e exemplo :

— A Pátria, é Tôrre imensa ; a Pátria, é Templo ;
 E' vívida Morada.

Mas, por mais forte, mais egrégia ou alta,
 Há sempre alguma coisa que lhe falta :
 Jâmais se deve ter por acabada.

Há sempre, a erguer-lhe, um novo coruchéu ;
 Nova rosácea a abrir ; outra janela
 De onde melhor se aviste,
 — Na alegria e na paz de quanto existe, —
 A terra, o mar e o céu.

Assim, esfôrço ou génio, lida obscura
 De jardineiro ou voz de ilustre peito,
 (A cada qual seu jeito :
 Ciência ou Armas, Oração ou Canto . . .)
 Devem sagrar-se a dar-lhe formosura.

— E seja o nosso encanto
 Servi-la e defendê-la :
 Os olhos postos, como em viva estrêla,
 Na Letra que nos guia e nos ensina,
 Qual as Tábuas da Lei, por mão divina
 No pórtico gravada :

«ESTA A DITOSA PÁTRIA MINHA AMADA».